(DÉS} revista de TROÇOS pensamento radical

O filósofo e a pandemia um ano depois: entre uma epidemia inventada e a controversa defesa da vida

The philosopher and the pandemic one year later: between an invented epidemic and the controversial defense of life

Daniel Arruda Nascimento*

Resumo: Escrevendo desde muito cedo sobre a pandemia que assola o mundo desde o início de 2020, bem como sobre os seus efeitos éticos e políticos, o filósofo italiano Giorgio Agamben colocou o seu nome no centro de uma polêmica internacional. Troços por ele arremessados atingiram em cheio gente desavisada com pouca visão, mas também gente com indignação experimentada e genuína. Compreendemos que o filósofo está entre o engodo de uma epidemia supostamente inventada e uma controversa defesa da vida e dos elementos que a tornam digna de ser vivida. Procuramos nas páginas que se seguem oferecer alguma inteligibilidade a respeito das ideias que se destacam no conjunto de publicações lançadas ao longo dos meses cruzando-as com o modo de produzir e com algumas das teses mais relevantes do seu projeto filosófico, organizando o texto em torno de quatro eixos principais: a defesa da vida e da liberdade, o uso do estado de exceção como técnica de domínio, a definitiva medicalização da vida contemporânea e o perecimento das relações humanas com a consequente impossibilidade da política.

Palavras-chave: filosofia política contemporânea; Giorgio Agamben; pandemia.

Abstract: From the very beginning, Giorgio Agamben has been writing about the pandemic that devastates the world since the start of 2020, explaining, while doing so, its political and ethical effects. As a consequence, his ideas have caused an international controversy created both by writers that are short-sighted and unaware of his work as a whole and writers which are filled with genuine indignation. Indeed, we understand that Agamben is currently in a situation divided by the narrative of an epidemic supposedly imagined and the controversial protection of life and the elements that allow it to be considered dignified. That being the case, this paper aims to cast a light on Agamben's conceptualizations, especially those which have been recently published, connecting them with the main relevant aspects of his

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Associado do Instituto de Ciências da Sociedade da Universidade Federal Fluminense. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: danielarrudanascimento@id.uff.br

(DES)TROÇOS: REVISTA DE PENSAMENTO RADICAL, BELO HORIZONTE, V. 2, N. 1, JAN./JUN. 2021. ISSN 2763-518X (ONLINE).
DOI: https://doi.org/10.53981/destroos.v2i1.34167

philosophical project. Accordingly, this work is organized around four central ideas: the protection of life and liberty, the use of the state of exception as a technique of domination, the definitive medicalization of human life, and the pereshment of human relations as a result of the current politics.

Keywords: contemporary political philosophy; Giorgio Agamben, pandemic.

Passado um ano do início da pandemia e dos textos inaugurais da querela que colocou o nome de Giorgio Agamben no centro de uma polêmica internacional, com a publicação em 26 de fevereiro de 2020 do texto *L'invenzione di un'epidemia* (tanto no jornal italiano *Il Manifesto: quotidiano comunista* quanto na sua coluna junto à página eletrônica da editora parceira *Quodlibet*), procuremos compreender quais as principais ideias que pululam no conjunto de publicações que se seguiram ao longo dos meses e como elas se cruzam com o modo de produzir e com algumas teses mais relevantes do seu projeto filosófico[1]. O argumento principal destas linhas é que o filósofo está em algum lugar entre o engodo de uma epidemia supostamente inventada e uma controversa defesa da vida e dos elementos que a tornam digna de ser vivida. Isto para responder ao título da coletânea que o mesmo autor lança em meados de 2020, recolhendo os escritos que publicou ao longo do primeiro semestre e estabelecendo um ponto final provisório, seguido por um relativo momento de silêncio e quebrado alguns meses depois. O livro recebeu o curioso título *A che punto siamo? L'epidemia come politica*. Nele há uma evidente intenção de recolher em uma única publicação os seus escritos sobre a pandemia e o momento em que vivemos, para que sejam lidos em conjunto, e de promover uma revisão sobre as reflexões que havia dado curso até então, especialmente no que se refere às consequências éticas e políticas da pandemia e das medidas restritivas sanitárias para o nosso mundo. Com esta revisão, contudo, o filósofo não pretende admitir recuos ou reconhecer que pode ter se expressado mal em alguns momentos, notadamente no início da pandemia, quando ainda não era possível prever o tamanho da catástrofe. O filósofo tem a intenção de reafirmar que a pandemia é um pretexto para que os poderes que governam o mundo demonstrem sem devaneios que os paradigmas das democracias burguesas chegaram ao fim e não são mais adequados às suas novas exigências, que a deflagração de um planetário e duradouro estado de exceção está a abolir o resto do que possuíamos de garantias constitucionais, que a medicalização da vida humana estabeleceu definitivamente a religião da saúde e um novo terrorismo amparado pelo dispositivo da biossegurança, que as relações sociais que se instalam a partir de agora e parecem não ter ponto de retorno serão mediadas exclusivamente pelo distanciamento e pelas novas tecnologias digitais (com efeitos que ainda estão no âmbito das conjecturas). Serão esses os quatro eixos que irão nos orientar mais adiante nas páginas que se seguem.

Em recente entrevista publicada por revista científica da área de conhecimento das biologias, nessa trajetória do ano passado que o levou ao ponto em que está, ao responder a uma pergunta final sobre o desenvolvimento de formas de resistência à transformação

[1] AGAMBEN, *L'invenzione di un'epidemia*, [s.p.].

do mundo, Giorgio Agamben salienta que é "um filósofo, não um estrategista". É evidente, ele continua, que "a clara consciência da sua situação é a primeira condição para que alguém encontre um caminho de saída".[2] Gesto típico de Agamben é apresentar-se com um provocador, seu maior mérito está em ter a coragem de esgarçar conceitos, levantar questões que invertam ângulos de observação, que causem alguma bagunça intelectual e nos exija o exercício de resposta, mesmo que precárias ou provisórias.[3] Em gestos maiores e em gestos menores. O seu ingresso na vitrine filosófica mundial é catapultado pelas teses lançadas na introdução de *Homo sacer: il potere sovrano e la nuda vita* de que a biopolítica é tão antiga quanto a soberania,[4] de que o *homo sacer* deve ser compreendido como o paradigma da vida política moderna,[5] de que o estado de exceção é o fundamento oculto de todo o sistema jurídico-político[6] e de que há uma íntima solidariedade entre democracia e totalitarismo.[7] Na primeira página do livro, para tratar do paradoxo da soberania e da função da exceção, com a mediação da figura do soberano enquanto monopólio da decisão política, o filósofo italiano se utiliza de uma passagem de *Teologia política* de Carl Schmitt que reproduz um trecho de um livro escrito por Søren Kierkegaard, endossando a sua apresentação como teólogo, mesmo sabendo, suponho eu, que o trecho não está publicado em nenhum tratado teológico.[8] A defesa da exceção como a melhor explicação e prova para a regra geral, que para Carl Schmitt terá uma validade teológica e política seminal, no *corpus* do filósofo dinamarquês estará em texto literário assinado por um pseudônimo que não é um teólogo. O autor de *A repetição* é Constantin Constantius, um pseudônimo que parece estar majoritariamente no estado ético, se considerarmos *Os estádios sobre o caminho da vida*, que tem uma vida estável e "não é capaz de executar um movimento religioso",[9] não o teólogo protestante Søren Kierkegaard. Constantin Constantius escreve sobre a exceção para defender o seu jovem amigo poeta que não pode se casar por quem está apaixonado e foge. Em *Opus Dei: archeologia dell'ufficio*, obra de Agamben cujo próprio título já é em si uma provocação (porque flerta ironicamente com o nome de uma organização cristã conservadora), a pesquisa arqueológica sobre o termo grego *leitourgia*, sobre a sua adoção terminológica pelos rabinos que traduziram os textos sagrados hebraicos para o grego e sobre o seu uso cultual

[2] PENSOTTI, *Where is science going?*, p. 109, tradução nossa.
[3] A entrevista citada é realizada por Andrea Pensotti pela Università Campus Bio-Medico di Roma. Avalio que o entrevistador acerta no seu texto introdutório ao incluir algumas perguntas provocativas, bem ao espírito do filósofo que entrevista: "Agamben ilumina os riscos ligados à emergência do conceito de 'biossegurança', o bloqueio de todas as atividades sociais com o objetivo de preservar a 'vida biológica'. Quão longe pode ir a sociedade para defender a vida biológica? Quão longe pode a política se estender para controlar igualmente sociedade e vida biológica dos cidadãos?" (PENSOTTI, *Where is science going?*, p. 105, tradução nossa). Todavia, considero que cometa um erro o entrevistador ao afirmar, contra o melhor espírito filosófico, que a maioria das reações negativas aos escritos de Agamben sobre a pandemia contém "argumentos viciados por (imencionáveis) preconceitos ideológicos" (PENSOTTI, *Where is science going?*, p. 105). Há crítica genuína e inteligente na praça.
[4] AGAMBEN, *Homo sacer*, p. 9.
[5] AGAMBEN, *Homo sacer*, pp. 11-12.
[6] AGAMBEN, *Homo sacer*, p. 12.
[7] AGAMBEN, *Homo sacer*, p. 14.
[8] AGAMBEN, *Homo sacer*, pp. 19-21.
[9] KIERKEGAARD, *A repetição*, p. 92.

posterior pela tradição eclesiástica cristã, não aparece sem que o filósofo italiano mencione que *liturgia*, além designar na origem *prestação pública*, podia designar igualmente a reprodução sexual e os trabalhos de uma prostituta.[10] Ao final de *Nudità*, Agamben interrompe um texto explicativo sobre o sábado e a inoperosidade para dizer que "hoje, apesar da ênfase um pouco nostálgica que ainda a circunda, a festa não é algo que se possa experimentar de todo em boa fé", estaríamos no nosso século na "condição de quem quisesse dançar sem escutar mais a música", mesmo que continuemos a "realizar os mesmos gestos que aprendemos com os nossos avós", mesmo que a gente "cubra a perda da música com o estrondo das discotecas e dos autofalantes",[11] o que no contexto do livro adquire mais uma vez um tom obviamente provocativo. São esses alguns exemplos entre muitos outros que poderiam ser mencionados.[12]

Detectado pela primeira vez em dezembro de 2019 na importante cidade de Wuhan entre o centro e o sudeste chinês, a nova cepa de coronavírus denominada Sars-Cov-2 deu origem a uma epidemia que alcançou, pelos pronunciamentos da Organização Mundial da Saúde, agência subordinada à Organização das Nações Unidas, o patamar de *emergência de saúde pública de âmbito internacional* em 20 de janeiro de 2020 e a classificação de *pandemia* no dia 11 de março de 2020. Pouco mais de um ano depois, mesmo com a adoção de cuidados sanitários e medidas de isolamento social determinadas por muitas organizações governamentais em todo o mundo e o desenvolvimento de vacinas que, se distribuídas corretamente, diminuem a possibilidade de agravamentos de saúde e morte, assim como a disseminação do vírus por pessoas contaminadas, a pandemia parece estar longe do controle.[13] Nesse cenário, Giorgio Agamben publica o texto *La nuda vita e il vaccino*, trazendo para o título da intervenção, como já havia feito em outras ocasiões ao longo do período, um conceito de alta relevância em sua obra filosófica. Com a acidez que parece ter adquirido uma forma definitiva ao longo do período, mais uma vez o texto é irônico e questiona locutores privilegiados, entre eles, filósofos, religiosos, políticos, economistas e cientistas.

> Algumas vezes nas minhas intervenções evoquei a figura da vida nua. Parece-me de fato que a epidemia mostra indubitavelmente que a humanidade não crê mais em nada senão na preservação da nua existência como tal a qualquer preço. A religião cristã, com as suas obras de amor e de misericórdia e com a sua fé que se estende até o martírio, a ideologia política com a sua incondicionada solidariedade, até a confiança no trabalho e no dinheiro parecem ficar em segunda ordem não apenas quando a vida nua vem ameaçada, ainda que na forma de um risco

[10] AGAMBEN, *Opus dei*, pp. 13-14.
[11] AGAMBEN, G. *Nudità*, pp. 149-150.
[12] Outro exemplo clássico, envolvendo uma polêmica midiática pitoresca, concerne à repercussão que adquiriu o texto *Que l'empire latin contre-attaque!*, publicado em março de 2013 no *Libération*, após tradução do original italiano, especialmente em virtude do título escolhido pelos editores. Embora alguma confusão com o título tenha despertado paixões não esperadas por Agamben, ele admite o tom provocativo do texto que quer questionar as bases puramente econômicas segundo as quais se constituiu a União Europeia e, em última análise, a afirmação da crise como instrumento de dominação. Cf. entrevista a Dirk Schümer, em *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (THE ENDLESS..., *Verso*, [s.p.]).
[13] No momento em que escrevo estas linhas, relatórios internacionais informam 153 milhões, 385 mil e 138 casos de contaminação e 3 milhões, 213 mil e 308 óbitos pelo novo coronavírus. COVID-19..., *World Meters*, [s.p.]. Com números certamente subnotificados e em segundo lugar entre os países que informam os seus números, o Brasil superou no final do mês de abril a marca de 400 mil mortes pela Covid-19.

> cuja entidade estatística é instável e deliberadamente indeterminada.[14]

O argumento, repetido à exaustão ao longo do período pandêmico em diversos textos e com alguma variação, é que a defesa da vida contra o novo coronavírus autorizou todo tipo de arbitrariedades. As ações dos governos soberanos que mudaram a realidade social ordinária, em empreitada biopolítica e apoiadas em algum despotismo científico, teriam cancelado tudo o que envolve a vida humana em nome da mera preservação da vida biológica, mesmo que o que dela reste não seja mais compatível com o que se espera de uma vida humana. Tendo na modernidade os homens esquecido e removido a sua relação com a esfera da morte, para habitar apenas a terra dos vivos, "o que temos hoje sob os olhos é a extrema deriva dessa remoção da morte: para salvar a sua vida de uma suposta e confusa ameaça, os homens renunciam a tudo o que a rende digna de ser vivida".[15] Esse é então o primeiro libelo apresentado por Agamben: as limitações da liberdade impostas pelos governos. Presentes desde o seu primeiro texto, as restrições a liberdades e a direitos, a suspensão das mobilidades, das reuniões e das manifestações, de eventos culturais e religiosos, de aulas e demais serviços educacionais, de concursos públicos, bem como a aplicação de um estrito sistema de vigilância no qual o possível portador do contágio recebe uma marca especial, serão o objeto da reclamação do filósofo.[16] Segundo o seu incômodo regional, "os italianos estão dispostos a sacrificar praticamente tudo, as condições normais de vida, as relações sociais, o trabalho, até mesmo as amizades, os afetos e as convicções religiosas e políticas frente ao perigo de adoecer".[17] A pandemia não apenas parece ter anulado os princípios constitucionais importantes, mas provocou o fim de um mundo humano, destruiu definitivamente "as democracias burguesas, fundadas nos direitos, nos parlamentos e na divisão de poderes".[18] Estaríamos nós diante de um lamento?

Para aqueles que se acostumaram a auferir forças críticas do pensamento e dos escritos do polêmico filósofo, é no mínimo curioso que Agamben reclame do fim das democracias burguesas, escreva desta maneira direta e sem rodeios, se toda a filosofia crítica impulsionada pela produção do programa *Homo sacer* reflete justamente uma denúncia das obscuridades, das fragilidades e das enganações dos sistemas políticos hegemônicos. Mais especificamente, é comum encontrar nas suas publicações uma obsessão pelas dissimulações políticas, um esforço para arrancar das sombras as faces ocultas que determinam a vida política. A maior delas talvez seja justamente aquela que revela a "contiguidade entre democracia de massa e Estados totalitários", que não tem a forma improvisa de uma mudança brusca porque "antes de emergir

[14] AGAMBEN, *La nuda vita e il vacino*, [s.p.]. No primeiro volume da série *Homo sacer*, o autor frisa que o princípio do caráter sagrado da vida não existia entre os gregos, a vida foi considerada sagrada, com o sentido que atribuímos hoje, em data posterior. AGAMBEN, *Homo sacer*, pp. 74-75. Passado o momento romano no qual vida sagrada era uma condenação, hoje a vida é indistintamente sagrada porque pertence à esfera divina e é sagrada porque é fonte de direitos e deve ser preservada.
[15] AGAMBEN, *Gaia e Ctonia*, [s.p.].
[16] AGAMBEN, *L'invenzione di un'epidemia*, [s.p.].
[17] AGAMBEN, *Chiarimenti*, [s.p.].
[18] AGAMBEN, *Nuove riflessioni*, [s.p.] Cf. também *Fase 2* de 20/04/2020. Nesse último texto, o filósofo denuncia especificamente a discriminação por idade imposta pelas restrições de circulação anunciadas pelas autoridades locais e a obrigatoriedade de realização do mapeamento sorológico para toda a população. AGAMBEN, *Fase 2*, [s.p.].

impetuosamente à luz do nosso século, o rio da biopolítica [...] corre de modo subterrâneo, mas contínuo".[19] Apenas tendo isso em mente, "é possível compreender a rapidez, de outra maneira inexplicável, com a qual no nosso século as democracias parlamentares puderam cair em Estados totalitários e os Estados totalitários converterem-se quase sem solução de continuidade em democracias parlamentares".[20] Como lamentar o fim das democracias burguesas se no fundo elas são, com o perdão da expressão, mais do mesmo? Em outra passagem, o filósofo chega a afirmar que "nas democracias modernas é possível dizer publicamente o que os biopolíticos nazistas não ousavam dizer",[21] cá entre nós, uma frase profética para o Brasil que vivemos agora. Não parece haver no nosso vocabulário político atual palavra mais vã que *democracia*. Segundo o autor, somos "as primeiras gerações que vivem a própria vida coletiva sem o vínculo do juramento" onde "qualquer coisa como uma experiência política se torna sempre mais precária".[22] Democracia (ou a política em que tentamos viver) é uma palavra vazia.[23] Nossas democracias não significam democracias, esse sempre foi um ponto de consenso no curso de sua obra.

Outro aspecto relevante na argumentação de Giorgio Agamben, igualmente presente desde o primeiro texto, publicado no mesmo dia 26 de fevereiro no jornal italiano *Il Manifesto* com o título O *estado de exceção provocado por uma emergência imotivada*, consiste na exposição da figura do *estado de exceção* como elemento explicativo para o quadro inaugurado pela pandemia. O regime de distanciamento social e a suspensão de direitos individuais e coletivos como consequência da pandemia mostram "mais uma vez a crescente tendência de usar o estado de exceção como paradigma normal de governo".[24] Não apenas isso, "a epidemia mostrou claramente que o estado de exceção, a que os governo nos familiarizaram há tempos, se tornou a condição normal".[25] Diante do clima de pânico instaurado pelas grandes mídias e pelos governos, da disseminação do clima de medo e insegurança, das reivindicações de emergências e necessidades, a defesa da vida se tornaria o pretexto ideal para a escalada da exceção, permitindo até mesmo o esvaziamento das resistências que costumam atrasá-la ou, eventualmente, impedi-la. As costumeiras medidas de exceção, que na obra do filósofo italiano revelam uma relação originária entre soberania e exceção,[26] ou entre Direito e violência,[27] que na sua aplicação corriqueira pelos governos configuram um estado de exceção permanente sempre mais evidente,[28] concorrem para difundir a ideia de que, assim como há algum tempo todo cidadão pode ser considerado um terrorista em potencial, todo indivíduo seja agora considerado um contaminador em potencial, tenha ele os

[19] AGAMBEN, *Homo sacer*, p. 133.
[20] AGAMBEN, *Homo sacer*, p. 134.
[21] AGAMBEN, *Homo sacer*, p. 184.
[22] AGAMBEN, *Il sacramento del linguaggio*, p. 96.
[23] AGAMBEN, *Il fuoco e il racconto*, p. 73.
[24] AGAMBEN, *Lo stato d'eccezione provocato da un'emergenza imotivada*, [s.p.].
[25] TRUONG, *Giorgio Agamben*, [s.p.].
[26] AGAMBEN, *Homo sacer*, pp. 23-24.
[27] AGAMBEN, *Homo sacer*, pp. 36-45.
[28] AGAMBEN, *Stato di eccezione*, pp. 110-111.

sintomas da doença ou seja ele um assintomático, liberando os poderes constituídos para estimular e promover contra eles todo tipo de tratamento desumano.[29] Dois textos publicados no início do segundo semestre, quando a pandemia já havia demonstrado que seria duradoura e as melhores esperanças da população já se haviam dissipado, procuram colocar ênfase na naturalização do medo, com a consequente perda das coisas do mundo e da capacidade de reflexão, e na recuperação da tradicional vinculação teórica entre estado de exceção e ditadura, para concluir ironicamente, em resposta a um jurista que havia publicado um artigo de jornal em defesa das medidas do governo italiano, que os juristas não são mais do que "burocratas a quem incumbe somente o fardo de justificar o sistema em que vivem".[30] Em preciosa revisão, atingindo aquela clareza que apenas quem está submetido a um contínuo bombardeio de ideias é capaz de exprimir, temos outro texto do início deste ano de 2021. Cito-o inteiro, ainda que seja um pouco longo para essas páginas.

> A questão se os governos se servem conscientemente da pandemia para declarar um estado de exceção que reforça os seus poderes além de todo limite ou se eles não possuíam outra alternativa que a emergência está mal posta. O que ocorre hoje, como em qualquer crise histórica decisiva, é que as duas coisas são ambas verdadeiras: o uso do estado de exceção como um estratagema e a impossibilidade de governar de outra forma coincidem. O soberano, agindo de modo absolutamente arbitrário, está ao mesmo tempo constrangido à decisão incessante sobre a exceção que lhe define em última análise a natureza. A época que estamos vivendo é, assim, aquela em que a ilegitimidade dos poderes que governam a terra aparece em plena luz: porque perderam toda a possibilidade de se configurar em uma ordem simbólica reconhecível, eles são obrigados a suspender a lei e os princípios constitucionais que poderiam defini-los. O estado de exceção se torna nesse sentido o estado normal e quem governa não pode de nenhuma maneira governar inversamente. É talvez possível que o estado de exceção seja formalmente revocado: mas um governo de salvação nacional como aquele que está se configurando, no qual toda oposição cessa, é a continuação perfeita do estado de exceção. O nosso diagnóstico de um definitivo declínio da era das democracias burguesas está invariavelmente confirmado. Resta observar até quando a suspensão da política e a emergência como paradigma de governo podem durar sem assumir una forma diversa do terror sanitário sobre o qual até agora estão fundados.[31]

A racional ambivalência do Direito, que oferece abrigo e ao mesmo tempo dispara a violência, traduz um tema bastante explorado na obra de Giorgio Agamben. Estando oficialmente deflagrado o estado de exceção ou não, o Direito é simultaneamente um eficiente instrumento de proteção e um dissimulado acelerador de desigualdades sociais, realiza a justiça e discrimina grupos indesejáveis, pode proteger como nenhum outro, mas pode igualmente fazer girar uma máquina letal. Não são poucas as ocasiões nas quais essa ambiguidade do direito aparece, a sua *dupla face*: "os espaços, as liberdades e os direitos que os indivíduos adquirem no seu conflito com os poderes centrais preparam simultaneamente toda vez uma tácita, porém crescente, inscrição de suas vidas na ordem estatal, oferecendo assim um novo e mais temível assento ao poder soberano do qual desejariam liberar-se".[32] A máquina providencial

[29] AGAMBEN, *Contagio*, [s.p.]. Estando já presente em *Che cos'è un dispositivo?*, de 2006, essa ideia de que todo cidadão é um terrorista em potencial é explorada sobretudo a partir dos textos e entrevistas publicados a partir de 2014 e 2015, quando o Estado Securitário é frequentemente pautado e o recrudescimento das ações governamentais de combate ao terrorismo se faz presente.
[30] AGAMBEN, *Che cos'è la paura?*, [s.p.] e AGAMBEN, *Stato di eccezione e stato di emergenza*, [s.p.].
[31] AGAMBEN, *L'arbitrio e la necessità*, [s.p.].
[32] AGAMBEN, *Homo sacer*, pp. 133-134.

que serve de modelo paradigmático para o governo do mundo, unindo teologia e economia, ontologia e práxis, lega à governamentalidade moderna, como nunca tributária dos sistemas jurídicos, a habilidade de agregar e desagregar em movimentos dúbios.[33] Tudo isso infere um estado de vida muito próximo da realidade brasileira. Para além das imensas zonas de abandono e dos dispositivos de exceção conhecidos, o funcionamento ambíguo do Direito está presente inclusive na nossa literatura documentária. Na sua obra de 1911, mas em ambiente que retrata o segundo governo da nossa jovem República, Lima Barreto faz do seu protagonista o herói da integridade e da inocência contra um sistema de respostas dúbias, a vítima perfeita para um governo de gente e leis maliciosas. Tendo dedicado toda a sua vida ao estudo e à exaltação das qualidades brasileiras, diante do fracasso de seus empreendimentos na agricultura do sítio que havia adquirido com a melhor das boas vontades patrióticas e diante das exigências da postura municipal que, motivada politicamente, exigia do pequeno proprietário a limpeza das testadas em todo perímetro do terreno que confrontava com via pública (algo impensável enquanto era desconhecido das autoridades locais), Policarpo Quaresma tem o pensamento iluminado e começa a perceber que o Direito não tratava a todos com igualdade, ou melhor, que o Direito funcionava ao mesmo tempo como um baluarte da ordem e um instrumento de tortura a depender de sua manipulação. Com o impacto da recepção do papel oficial, "a luz se lhe fez no pensamento... Aquela rede de leis, posturas, de códigos e de preceitos, nas mãos desses regulotes, de tais caciques, se transformava em potro, em polé, em instrumento de suplícios para torturar os inimigos, oprimir as populações, crestar-lhes a iniciativa e a independência, abatendo-as e desmoralizando-as".[34]

Desde a publicação dos primeiros volumes do projeto filosófico *Homo sacer*, havia ficado claro que, embora a necessidade não tenha lei, isto é, a necessidade possa surgir em qualquer lugar e a qualquer tempo, por inumeráveis razões e em alguma medida por razões indetermináveis, a prática da criação voluntária de um estado de emergência pelos governos soberanos, a fim de aumentarem os seus poderes até o fim dos limites, tornou-se comum na contemporaneidade.[35] Isto significa que as emergências são em grande parte criadas pelos poderes estatais que as devem combater, quando há interesses hegemônicos na instalação do estado de exceção e na consequente suspensão de direitos e garantias constitucionais. Giorgio Agamben fará então largo uso dessa semântica nos textos polêmicos que o trouxeram para o centro do debate sobre a pandemia. A novidade na sua argumentação, entretanto, é que ele insiste na inconsistência dos dados e dos números que tornam o impacto gerado pelo novo coronavírus uma pandemia. A começar pelo título da sua primeira intervenção, que inclui inclusive uma classificação da doença ocasionada pelo coronavírus como *gripe normal*, não são poucos os textos nos quais o filósofo questiona não apenas as autoridades sanitárias, os cientistas e os médicos, mas os dados e os números divulgados pelos órgãos oficiais e pela grande mídia

[33] AGAMBEN, *Il regno e la gloria*, pp. 157-158.
[34] LIMA BARRETO, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, p. 143.
[35] AGAMBEN, *Stato di eccezione*, p. 11.

jornalística. Em um deles, por exemplo, ele realiza uma aproximação bastante controvertida dos números da pandemia para comparar causas de mortes na Itália, colocando a discussão sobre o tabuleiro de uma reflexão sobre o verdadeiro e o falso (que, convenhamos, serve como coringa), reivindicando para si a verdade.[36] Em outro, já de janeiro deste ano, ele chega a insinuar a comparação entre a pandemia e uma realidade fantasmagórica.[37] Cabendo a nós alguma palavra sobre o assunto, penso ser desajustada a seleção de fontes patrocinada pelo filósofo. Se há dados e números inconsistentes, se há governos e profissionais da saúde que os manipulam e se há uma grande mídia fazendo o trabalho sujo de sempre, há também fontes confiáveis e gente muito séria trabalhando. Equívocos podem ser cometidos por aqueles que se arriscam a refletir sobre o nosso mundo humano: penso que já passou da hora do filósofo admitir que a pandemia existe, constitui um cenário grave e não foi simplesmente inventada por quem quer que seja. Como escreve Jean-Luc Nancy (embora reconheça a intensidade da exceção no mundo atual): não é razoável tratar o novo coronavírus como o vetor de uma gripe ordinária, não é preciso errar o alvo.[38] Mais do que isso, devemos admitir que em alguns casos, justamente porque vivemos em sociedade, é salutar aceitar restrições de liberdade, se foi exatamente o estabelecimento de regras e os limites impostos à liberdade natural que permitiram a vida humana comum, o que pode ser confirmado em filósofos tão diferentes como Thomas Hobbes ou Friedrich Nietzsche.

A *medicalização da vida* constitui um tópico incontornável na trajetória filosófica de Agamben, especialmente nos momentos em que se evidencia o nítido horizonte teórico biopolítico. O seu retorno ao centro da discussão tensionada pelo filósofo ocorre em grande estilo, uma vez que a pandemia colocou em foco a ação de médicos e cientistas, visto que as ações governamentais de controle e vigilância são concebidas a partir de consultas a organismos de saúde pública e epidemiologistas. Quanto poder de decisão não adquiriu a ciência e a medicina durante a pandemia? Imiscuindo-se dessa maneira desde pelo menos o século dezoito, agora com o abuso do vocabulário escatológico, a ciência assumiu inapelavelmente o lugar da religião do nosso tempo.[39] No confronto ocidental entre sistemas de crença (entre o cristianismo, o capitalismo e a ciência), a medicina, enquanto parte prática da ciência que se exerce sobre o corpo humano, teria se afirmado como uma nova religião.[40] De acordo com o filósofo italiano, por um lado a medicina mobiliza os conceitos biológicos conforme uma exasperada oposição dualística entre doença e cura, elegendo os seus inimigos e o regime de convivência com eles, por outro, as práticas de medicalização da vida se tornam cada vez mais permanentes e onipresentes na sociedade, cada vez mais obrigatórias, a exigir cuidados e remédios contínuos

[36] AGAMBEN, *Sul vero e sul falso*, [s.p.]. Cf. também AGAMBEN, *Nuove riflessioni*, [s.p.], publicado originalmente em um jornal com o sugestivo título de La Verità, *Alcuni dati* e AGAMBEN, *Di che colore è la notte?*, [s.p.].
[37] AGAMBEN, *Una profezia di Lichtenberg*, [s.p.].
[38] AGAMBEN, *Eccezione virale*, [s.p.].
[39] AGAMBEN, *Riflessioni sulla peste*, [s.p.]. O caso brasileiro de um governo que nega deliberadamente a ciência parece ser um caso isolado, ou pelo menos icônico. Quiséramos nós que a ciência tivesse adquirido algum poder e reconhecimento nesse processo.
[40] AGAMBEN, *La medicina come religione*, [s.p.].

para o corpo. A medicina que toma o lugar da religião teria ainda criado um estado de crise permanente, no qual a saúde é sempre adiada rumo ao futuro incerto, autorizando um estado constante de combate (assim como o pecado é um estado de crise permanente, poderíamos acrescentar). Assim, preocupação crescente em nossa sociedade é a criação de corpos que exigem uma contínua manipulação para fins produtivos e estéticos, mas, acima de tudo, corpos dependentes de cuidados especializados – o que, no fundo, envolve a consideração sobre o valor da vida. Do interior da estrutura biopolítica fundamental emerge a materialidade da decisão sobre a vida, sobre a vida que merece ser vivida e sobre a vida indigna de ser vivida.[41] A assim denominada medicalização da vida define, seleciona e classifica *vida*, desistindo do resto, abandonando as sobras, obliterando as margens, em nome do progresso científico e biológico (interessado, na esmagadora maioria das vezes). Como se não bastasse, precisamos reconhecer que "é sempre perigoso confiar aos médicos e cientistas decisões que, em última análise, são éticas e políticas".[42] Apesar de possuírem alguma boa-fé, a história o demonstra com evidências, os cientistas particularmente podem se deixar conduzir em suas pesquisas e seus experimentos com vistas ao progresso científico supostamente neutro, deixando em segunda ordem, consciente ou inconscientemente, princípios éticos ou políticos. Se o terreno mais fértil hoje para essas questões está no campo da genética e da reprodução, bem como nos campos da produção de drogas e armas, o arquétipo mais estridente ainda é o caso do uso da medicina pelo regime nacional-socialista no qual "a integração entre medicina e política, que é uma das características essenciais da biopolítica moderna, começa a assumir a sua forma consumada",[43] quando cobaias humanas foram experimentadas largamente, quando "o médico e o cientista movem-se naquela terra de ninguém em que, outrora, somente o soberano podia penetrar".[44] Infelizmente, os cantões esquecidos do planeta, sobretudo no continente africano, nos quais mulheres e homens miseráveis servem de cobaias às indústrias farmacêuticas, por exemplo, ainda não cativaram suficientemente a atenção dos que procuram conceber limites éticos e políticos ao desenvolvimento científico.

Depois de um intervalo de aproximadamente dois meses, Agamben volta a escrever retomando com maior vigor um ponto que já havia traçado no texto que interpela o *distanciamento social*. Logo no início da pandemia já era possível perceber que o regime de confinamento ou distanciamento social causaria grandes danos, sejam eles de ordem econômica, atingindo trabalhadores que dependem quase que exclusivamente da circulação de pessoas, seja de ordem pessoal, atingindo estudantes e famílias inteiras, especialmente aquelas que perderam uma importante rede de apoio. O filósofo italiano anota o seu desconforto com o novo termo que, segundo ele, marcará a impossibilidade da política, será o fim da comunidade humana e politicamente viável, o novo princípio de organização da sociedade. Enquanto realidade profética, "a atual emergência sanitária pode ser considerada como o

41 AGAMBEN, *Homo sacer*, pp. 150-154.
42 AGAMBEN, *Nuove riflessioni* [s.p.].
43 AGAMBEN, *Homo sacer*, p. 159.
44 AGAMBEN, *Homo sacer*, p. 177.

laboratório no qual se preparam os novos ativos políticos e sociais que aguardam a humanidade".[45] É preciso interpretar os dispositivos de exceção aceitos no decorrer da pandemia "como sintomas e sinais de um experimento mais amplo, no qual está em jogo um novo paradigma de governo dos homens e das coisas", tendo a biossegurança apresentado "a absoluta cessação de toda atividade política e de toda relação social como a máxima forma de participação cívica"[46] – atividades políticas e sociais que certamente não encontrarão suporte nos dispositivos tecnológicos digitais que encurtam distâncias ao menos na função comunicativa. A preocupação é legítima. Está expressa em muitos momentos da obra de Agamben. Entre os dispositivos que capturam a vida contemporânea dos cidadãos das democracias pós-industriais nos seus mínimos detalhes, garantindo o governo das condutas e das opiniões, estão os computadores e os telefones celulares.[47] Nas atuais sociedades ditas democráticas, os cidadãos que pretendem comandar os dispositivos (usar de modo *consciente* ou *correto*, como alguns alegam) não fazem mais que obedecer a comandos inscritos na própria estrutura do dispositivo: "o cidadão livre das sociedades democrático-tecnológicas é um ser que incessantemente obedece no próprio gesto com o qual transmite um comando".[48] Algumas mudanças para o mundo digital aconteceriam de qualquer maneira, já estavam em curso, o que a pandemia fez foi acelerar o processo e sepultar o estranhamento inicial por força das circunstâncias.

> O projeto planetário que os governos cercam de impor é, portanto, radicalmente impolítico. Eles se propõem primeiramente a eliminar da existência humana todo elemento genuinamente político, para substituí-los com uma governamentalidade sediada somente sobre um controle algorítmico. Cancelamento do rosto, remoção dos mortos e distanciamento social são os dispositivos essenciais dessa governamentalidade que, segundo as declarações concordes dos poderosos, devem ser mantidos inclusive quando o terror sanitário tiver aliviado.[49]

A desagregação do convívio social gera um imenso impacto na possibilidade de política, na medida em que a política é feita de encontros, empatias, apelos, amizades. O papel da comunicação próxima e corporal não pode ser diminuído quando se trata de conjecturar que expedientes interferem na formação de grupos e movimentos destinados a influenciar o funcionamento do mundo dos negócios humanos. Mas o distanciamento social é mais um obstáculo à política, entre outros. Muitas técnicas diminuem os espaços comuns de construção política, técnicas de silenciamento, técnicas de invisibilização, técnicas de propaganda, técnicas de produção de ausências, técnicas de desinformação, técnicas de profissionalização da política. O que ocorre agora, como nunca visto, é que a pandemia escancara a nossa dependência dos dispositivos digitais. A vitória dos meios tecnológicos sem os quais o mundo hoje não parece mais poder existir gerou concorrentemente falências e oportunidades, novos e grandes desafios, um agravamento geral do quadro em que já estávamos presos. Essas novas tecnologias não são instrumentos que aguardam o uso: elas possuem os seus possuidores, elas convocam, elas sugerem opções

[45] AGAMBEN, *Distanziamento sociale*, [s.p.]. Cf. também AGAMBEN, *Una domanda*, [s.p.].
[46] AGAMBEN, *Biosicurezza e politica*, [s.p.].
[47] AGAMBEN, *Che cos'è un dispositivo?*, pp. 21-23 e 33.
[48] AGAMBEN, *Creazione e anarchia*, p. 106.
[49] AGAMBEN, *Il volto e la morte*, [s.p.].

parecendo conhecer os seus portadores melhor do que eles mesmos a partir do seu histórico de uso, elas modelam opiniões e comportamentos. Sediando redes sociais, elas criam as plataformas nas quais pessoas e famílias se comunicam. Enquanto a inteligência artificial substitui o trabalhoso e precário artifício intelectual humano, máquinas substituem mulheres e homens na produção e na disseminação de informação nem sempre verificável. Trata-se de uma questão relevante que está também presente em outras vozes lúcidas do nosso tempo. A denominada *sociedade da transparência*, na qual controle e obsessão por positividades atingem grau máximo, abriga sociedades onde as vidas são mediadas quase que exclusivamente por sistemas de comunicação informacionais, tendo como resultado uma comunidade humana que não poderia não deixar de ser despolitizada.[50] A *governamentalidade algorítmica* que transmite a impressão de ampliar o espaço público e a democracia por estar aveludada de universal conectividade, encerra o acúmulo de informações computacionais e o consequente governo das subjetividades em um novo nível de domínio. Essa nova política maquínica acarreta "um definhamento, quando não a eliminação direta, das deliberações públicas e das reflexões plurais e diversificadas".[51]

Abertura dos seres humanos para o mundo e para os demais seres que circundam, o rosto é a condição da política, insiste Agamben. A medicalização da vida tem aí também um largo alcance. Um país que impõe à sua população o uso obrigatório de máscaras faciais, "um país que decide renunciar ao próprio rosto, de cobrir com máscara em todo lugar os rostos dos próprios cidadãos é, assim, um país que anulou toda a sua dimensão política".[52] Mais: uma relação social sem contato físico, quando o sentido corporal do tato sofre uma redução como nunca visto, terá uma população com indivíduos que não são capazes de fazer a experiência do próprio corpo.[53] Em tom de lamento, não sabemos se fingido, o filósofo continua: "se as pessoas aceitaram as medidas despóticas e as constrições inauditas as quais foram submetidas sem qualquer garantia, isto ocorreu não somente pelo medo da pandemia, mas presumivelmente porque, mais ou menos inconscientemente, sabiam que o mundo em que haviam vivido até então não podia continuar, era injusto e desumano demais. Nem é preciso dizer que os governos preparam um mundo ainda mais desumano, ainda mais injusto".[54] Contudo, se o filósofo acerta em envolver o futuro da humanidade em névoas, falta a ele alguma serenidade que permita à razão transcender a realidade confinada mais imediata. A coragem de esperar o melhor é reconhecidamente arriscada, mas absolutamente necessária àqueles que despertam a si mesmos para alguma militância, estão engajados com o mundo. É sabido desde o início da pandemia que a situação é consensualmente provisional e se justifica como um remédio amargo diante da gravidade dos fatos (ainda que a ameaça da permanência seja sempre real). É sabido igualmente que as medidas sanitárias restritivas são

[50] HAN, *Sociedade da transparência*.
[51] TELES, Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas, p. 447.
[52] AGAMBEN, *Un paese senza volto*, [s.p.]. Cf. também o texto apocalíptico *Quando la casa brucia* de Giorgio Agamben.
[53] AGAMBEN, *Filosofia del contatto*, [s.p.].
[54] AGAMBEN, *Sul tempo che viene*, [s.p.].

adotadas não simplesmente para evitar a contaminação mas, principalmente, para evitar que uma grande parcela populacional se contamine ao mesmo tempo e, exigindo cuidados hospitalares e médicos, leve ao colapso os sistemas de saúde incapazes de absorver a demanda – o que é mais evidente em países que investiram pouco em seus sistemas públicos de saúde, embora seja possível afirmar que nenhum país tivesse condições de prevenir tal demanda. Sobre a questão do contato, ou seja, sobre as novas normas de distanciamento corporal e as determinações de ausência de contato físico, são os prejuízos deveras enormes, notadamente em culturas quentes, como é a nossa cultura latino-americana. Todavia, assim como os pequenos encontram pequenos modos de resistência aos grandes poderes constituídos e aos dispositivos que os capturam, não são poucos os que encontraram estratégias para o contato, com apertos de cotovelos, braços ou punhos, com luvas ou molhados de álcool, com roupas especiais e banhos de todo tipo, com a formação de comunidades celulares. Também não foram poucos os que encontraram nos animais, nas plantas, na terra e nas coisas o contato que tiveram que conter entre os seres humanos. Finalizemos essas linhas, portanto, com uma ideia solta lançada no último texto citado, *Sul tempo che viene*: não devemos no tempo em que vivemos lamentar o mundo que termina ou sentir nostalgia pelo humano que foi cancelado, procuremos primeiramente, entre os escombros que nos circundam, uma forma de vida mais simples, mais humilde. Uma forma de vida mais simples e humilde, vale acrescentar, que possa reconhecer a existência e a grandeza de uma pandemia que, como não poderia deixar de ser, está abalando o nosso mundo.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. ¿En qué punto estamos? La epidemia como política. *Artillería Inmanente*, 2020r. Disponível em https://artilleriainmanente.noblogs.org/?p=1709. Acesso em 31 ago. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. Biosicurezza e politica. *Quodlibet*, 2020o. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-biosicurezza. Acesso em: 04 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Che cos'è la paura?. *Quodlibet*, 2020h. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-che-cos-u2019-a-paura. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Chiarimenti. *Quodlibet*, 2020c. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Contagio. *Quodlibet*, 2020g. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-contagio. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. *Creazione* e *anarchia*: l'opera nell'età della religione capitalista. Vicenza: Neri Pozza, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. Di che colore è la notte?. *Quodlibet*, 2021c. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-di-che-colore-a-notte. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Distanziamento sociale. *Quodlibet*, 2020m. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-distanziamento-sociale. Acesso em: 04 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Fase 2. *Quodlibet*, 2020e. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-fase-2. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Filosofia del contato. *Quodlibet*, 2021e. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-filosofia-del-contatto. Acesso em: 04 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Gaia e Ctonia. *Quodlibet*, 2020b. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-gaia-e-ctonia. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*: il potere sovrano e la nuda vita. Torino: Einaudi, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. *Il regno e la gloria*: per una genealogia teologica dell'economia e del governo. Vicenza: Neri Pozza, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. *Il sacramento del linguaggio*: archeologia del giuramento. Roma: Laterza, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. Il volto e la morte. *Quodlibet*, 2021e. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-il-volto-e-la-morte. Acesso em: 04 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. L'arbitrio e la necessità. *Quodlibet*, 2021b. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-arbitrio-necessit. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. L'invenzione di un'epidemia. *Quodlibet*, 2020a. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia Acesso em: 11 mar. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. La medicina come religione. *Quodlibet*, 2020l. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-la-medicina-come-religione. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. La nuda vita e il vacino. *Quodlibet*, 2021a. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-la-nuda-vita-e-il-vaccino. Acesso em: 02 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Lo stato d'eccezione provocato da un'emergenza immotivata. *Il Manifesto*, 2020f. Disponível em: https://ilmanifesto.it/lo-stato-deccezione-provocato-da-unemergenza-immotivata/. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. *Nudità*. Roma: Nottetempo, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. Nuove riflessioni. *Quodlibet*, 2020d. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-nuove-riflessioni. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. *Opus dei*: archeologia dell'ufficio. Torino: Bollati Boringhieri, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. Riflessioni sulla peste. *Quodlibet*, 2020k. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-riflessioni-sulla-peste. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Stato di eccezione e stato di emergenza, *Quodlibet*, 2020i. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-stato-di-eccezione-e-stato-di-emergenza. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. *Stato di eccezione*. Torino: Bollati Boringhieri, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. Sul tempo che viene. *Quodlibet*, 2020q. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-sul-tempo-che-viene. Acesso em: 04 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Sul vero e sul falso. *Quodlibet*, 2020j. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-sul-vero-e-sul-falso. Acesso em: 03 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Un paese senza volto. *Quodlibet*, 2020p. Disponível em:

https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-un-paese-senza-volto. Acesso em 04 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Una domanda. *Quodlibet*, 2020n. Disponível em: https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-una-domanda. Acesso em: 04 mai. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. Una profezia di Lichtenberg. *Quodlibet*, 2021d. Disponível em: https://www.quodlibet.it/una-profezia-di-lichtenberg. Acesso em: 05 mai. 2021.

AGAMBEN. Giorgio. *Che cos'è un dispositivo?*. Roma: Nottetempo, 2006.

AGAMBEN. Giorgio. *Il fuoco e il racconto*. Roma: Nottetempo, 2014.

COVID-19 CORONAVIRUS PANDEMIC. *World Meters*, 2021. Disponível em: https://www.worldometers.info/coronavirus/. Acesso em: 02 mai. 2021.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

KIERKEGAARD, Søren. *A repetição* (sob o pseudônimo de Constantin Constantius). Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

NANCY, Jean-Luc. Eccezione virale. *Antinomie: scritture e immagini*, 2020. Disponível em: https://antinomie.it/index.php/2020/02/27/eccezione-virale/. Acesso em: 17 mai. 2021.

PENSOTTI, Andrea. Where is science going? An interview with professor Giorgio Agamben. *Organisms: Journal of Biological Sciences*, vol. 4, n° 02, Sapienza Università di Roma, Roma, pp. 105-109, 2020.

TELES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. Revista *Kriterion*, n. 140, Belo Horizonte, pp. 429-448, 2018.

THE ENDLESS crisis as an instrument of power. *Verso*, 2013. Disponível em: https://www.versobooks.com/blogs/1318-the-endless-crisis-as-an-instrument-of-power-in-conversation-with-giorgio-agamben. Acesso em: 23 jun. 2017.

TRUONG, Nicolas. Giorgio Agamben: "L'épidémie montre clairement que l'état d'exception est devenu la condition normale". *Le Monde*, 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/03/24/giorgio-agamben-l-epidemie-montre-clairement-que-l-etat-d-exception-est-devenu-la-condition-normale_6034245_3232.html. Acesso em: 03 mai. 2021.

Recebido em 24 de maio de 2021

Aprovado em 28 de junho de 2021